

# Idéias, só, não bastam

A se confirmar a versão que um dos integrantes da reunião ministerial de sexta-feira deu do encontro a repórter do Estado, não é das mais animadoras a percepção que o presidente da República tem dos desafios que estão à sua frente. Muito menos entusiasmo a constatação renovada de que aquilo que o presidente Fernando Henrique Cardoso diz nem sempre chega da mesma maneira aos seus ouvintes.

Pois houve quem realçasse as palavras de S. Exa. contra o Congresso e as elites, e quem destacasse o empenho posto pelo presidente no apaziguamento desse mesmo Congresso. Disso se poderia concluir que o presidente da República de fato disse as duas coisas porque detectou no interior do primeiro círculo político e administrativo a existência de ouvidos para as duas posições. O governo, porém, não pode ter a língua bifurcada da serpente, sob pena de, em pouco tempo, já não ter quem nele acredite, quaisquer que sejam as ênfases ou versões que se contraponham. Em conversas privadas, qualquer um pode dizer aquilo que imagina seja do agrado do interlocutor e com isso construir a imagem do charme e da elegância. Mas ao presidente da República cumpre orientar os seus auxiliares segundo uma linha clara e definida, tão bem demarcada que não possa causar dúvidas em quem quer que seja, até mesmo nos próprios agentes do Executivo.

O grande problema deste governo é este: falta-lhe orientação executiva. Não sabe como passar das palavras dos planos para a ação concreta. Imagina, mas não cria. Aos ministros e outros funcionários de primeiro escalão falta disciplina, a disciplina elementar que faz com que todos se submetam a um único vetor de orientação, a uma idéia central e seminal, ainda que não abduquem de seus estilos pessoais de execução. Precisam ser lembrados de que foram colocados em seus postos como membros de uma orquestra, com a partitura já escrita à sua frente. O episódio do ministro Sérgio Motta, sendo pego na armadilha engatilhada pelo deputado Milton Temer e renegando, sem saber que o fa-

zia, o texto do programa de governo referente à privatização das telecomunicações que elegeu Fernando Henrique Cardoso é, ao mesmo tempo, sinal de ingenuidade e de despreocupado despreendimento da proposta original que não se justificam.

## O presidente precisa dedicar-se ao trabalho de coordenação de um Ministério desarticulado

Da mesma forma como não se justifica o entrecabo de cabeças dentro de um Ministério que mal completou três meses e já demonstra o pior dos vícios do trabalho em equipe: ou não recebe orientação ou não a aceita.

O presidente da República encontrou inicialmente no Congresso as dificuldades que seriam de esperar em processo de reforma do alcance e da profundidade do pretendido. Nenhuma delas é, por si mesma, intransponível. As agruras adicionais que estão tornando o fardo pesado demais foram acrescentadas pela inabilidade do governo. Inabilidade que não se corrigirá — ao contrário! — com diatribes contra os “verdadeiros interesses” (supondo-se que sejam espúrios) de setores do Congresso e contra as elites, das quais emergiram cada um e todos os integrantes do atual governo. O sr. Fernando Henrique Cardoso também não tornará mais leve sua tarefa se confundir seu governo com uma gigantesca operação de marketing e propaganda, na tentativa de fazer das massas instrumento das reformas. Está para nascer o governante que o tenha feito com êxito, sem descambar para a mais bisonha demagogia ou ser engolido pelas forças que liberou.

O processo de reformas está comprometido e o governo está na berlinda. Mas nada disso é irreversível. As condições objetivas que exigiam as reformas da Constituição permanecem intactas. O presidente da República tem ainda tempo para dar novo impulso ao processo, empolgando os parlamentares pelo exemplo. Qualquer um pode fazer a política que é a arte do possível. Os estadistas fazem da política a arte de tornar possível o que é necessário. E o fazem com a clara definição do que querem, com obstinada persistência na busca dos objetivos e com trabalho, muito trabalho, desenvolvido junto a todos os atores do processo. Idéias, só, não bastam.